



À Biblioteca Pública de Braga

TRIBUNA LIVRE

13
FEVEREIRO
1971

SEM FICÇÃO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DITOR PAULO BARBOSA DE M...

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO: PORTUGAL - REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES



O ROUBO DO ARCANJO

Foi há dias julgado na Boa Hora um bate-chapas (não vale a pena recordar-lhe o nome, que lhe chega o ter ele andado pelos jornais aquando da sentença) incriminado pelo roubo de uma imagem — a do Arcanjo S. Miguel, existente na igreja lisboeta da Pena, no Campo de Santana, muito perto, ao que se diz, do local em que desceu à terra o esquife de Luíz de Camões.

A imagem do Arcanjo está avaliada em dezoito mil escudos. O seu roubador — depois de ter conseguido tirá-la da igreja sem ninguém dar por isso — vendeu-a apenas por oitocentos escudos, julgando talvez que havia feito um excelente negócio.

O comprador — também não interessa dizer quem — não só não hesitou em pagar oitocentos escudos por uma imagem antiga, como não estranhou que lhe vendessem...

O bate-chapas já tivera contatos com a justiça e, ao roubar S. Miguel Arcanjo, encontrava-se condenado, à revelia, também por roubo, a cinco anos de prisão maior. Apesar disso, o tribunal foi benévolo, aplicando-lhe, além de um mínimo de penas pecuniárias, somente o cúmulo jurídico de cinco anos e qua-

tro meses — ou seja, só quatro meses a mais do que anteriormente lhe cumpria.

Para a benevolência do Tribunal contribuíram — segundo se lê no relato da audiência — «o imperfeito conhecimento do mal do crime, e espontânea confissão e a pobreza».

E poderia ter contribuído, também, o que se está passando por aí quanto a delapidação das igrejas e das sacristias. É que o infeliz bate-chapas, no seu deambular nocturno pelas ruas de Lisboa passando e repassando pelas montras das várias dezenas de antiquários, que, em certas zonas, são porta-sim porta-não, bem poderia ter chegado à conclusão de que isto de imagens ou alfaias sagradas é coisa que está a saque e de que cada um se pode apropriar, com maior ou menor habilidade.

Em barro, em madeira, em pedra, em tela, em ferro forjado ou em «biscuit», toda a corte celestial parece ter-se mudado agora para as ruas de D. Pedro V ou de Santa Marta e para as muitas outras onde floresce o próspero comércio das camas «à Luíz XV, das salas «à Primo Basílio» e das casas-de-jantar «à holandezia». E não são apenas san-

tos ou santas, não são só crucifixos ou relicários: são arquibancos e genuflexórios; são pedaços de talha com cabeças de anjo; são paramentos de seda velha a esfiar-se, são, até, desbotados pendões de antigas confrarias; e começam a ver-se, nessas feiras — da ladra, as próprias alfaias eucarísticas — os cálices, as patenas, os cibórios. Acrescente-se que tudo isto se vende — e a bom preço: Que febre devota se apossou então da burguesia endinheirada de Lisboa? Nenhuma. O espólio de dezenas de igrejas e capelas adquiradas pelos modernos iconoclastas não encontra arrumo em oratórios; quem o compra não tem oratório em casa: tem o «hall», tem o «living» e tem o «bar». Em qualquer destes sítios fica

(Continua na 3.ª página)

CONVITE

Passa o 50.º aniversário natalício, no dia 14 do corrente, (Domingo), o Senhor Padre Albino José Fernandes Alves, Pároco desta freguesia de Ferreiros.

Pela muita consideração, estima e respeito que lhe devemos, temos a honra de convidar V. Ex.ª e Ex.ª família para uma sessão de cumprimentos no fim da Missa das 11 horas.

Por expresso e irrevogável desejo do aniversariante, a homenagem circunscrever-se-á a esta simples cerimónia.

A COMISSÃO

Rio Cávado porque choras

Foi com o título em epígrafe que descrevi, a certa altura, o município dos acontecimentos que se processavam na margem direita do Rio Cávado, em Goães.

Este caso teve finalidade e agora surge uma sintetização, muito breve, para que o Leitor fique conhecedor de tal realidade. Mas, que foi dum prejuízo bastante grande!

Mas, é, neste impeto avassalante que rodeia o trabalho quotidiano que muitos se entregam imprescritivelmente à autagamia demolidora de detrementar o próximo.

Se porventura o campo de

Fervilha entre nós uma alegria incontida ao saber que a nossa última reflexão serviu de comentário de bom a um longo artigo do ilustre colaborador deste semanário — Albano Fraga.

Oxalá o tema da autoridade

Falecimento

D. Rosa Dias de Araújo

Na passada quarta-feira, dia 10, entregou a alma a Deus a Senhora D. Rosa Dias de Araújo, de 78 anos de idade, Mãe extremosa do 2.º Sargento sr. Adriano Dias, comandante do Posto da G. N. R. desta vila.

Era viúva de Francisco da Silva Rebelo e foram proprietários na freguesia de Valdozende, concelho de Terras de Bouro.

No seu funeral, que se realizou na quinta-feira, encorporaram-se as autoridades civis do concelho e muito povo, que assim quiseram manifestar o seu respeito pelo filho ilustre da finada que há anos, entre nós, vem mostrando as suas altas qualidades de Chefe e de Homem na condução da Verdade e da Justiça.

Foi a sepultar.

Que Deus receba a sua bela alma no Seu Seio.

A toda a família enlutada, especialmente ao Senhor Sargento «Tribuna Livre» apresenta sentidos pêsames.

(A Missa do 7.º dia será celebrada na próxima terça-feira, dia 16.)

de por nós apresentado, lhe sirva, e a quantos orientam os povos, para por em prática, melhorando o viver das nossas gentes.

Hoje pretendemos lançar um olhar de relance sobre o edifício onde funciona a escola primária.

Sabemos do interesse do Ministério da Educação na democratização do Ensino, porporcionando-o a todos os Portugueses. Sabemos da prorrogação da escolaridade obrigatória para oito anos, distribuída em 2 ciclos de 4 anos cada um: ciclo elementar e ciclo complementar.

O segundo poderá ser frequentado no ciclo preparatório directo ou T.V. como condição de base exigisse o respectivo edifício condigno.

Muito embora, noutras localidades, já há muito exista a obrigação de frequentar o ciclo complementar (de 2 anos) na 5.ª e 6.ª classes, ora no ciclo preparatório, para além da 4.ª classe, nesta frequência, ao abrigo da lei, a escolaridade obrigatória não se tem prolongado para além da 4.ª classe.

Para o funcionamento des-

(Continua na 2.ª página)

5.ª COLUNA

Não há dúvida que o distrito de Braga está perfeitamente servido pelo seu ilustre e dinâmico Governador Civil que, aliás, já conhece, como director do surto de progresso que a capital minhota registou durante a sua vigência como Presidente de Edilidade bracarense. E é em Braga que podemos auscultar a fé de toda a sua gente, na senda continuada do seu Governador.

No Porto, Leitor, cujas visitas governamentais frequentes parecem vir dar à cidade um aliciente e progressivo bem estar da sua gente, é o que se vê. Venha até cá. Percorra tudo de bom que se tem feito (que os dirigentes acham muito!) mas alinhe também pelos recônditos aonde o camartelo da Câmara actuou e fica desolado com a desfaçatez dos convites a jornalistas e entidades para apreciarem os novos melhoramentos. E concluirá deste

(Continua na 3.ª página)

Mini-Gazeta

Oh! Rapazes! Com fraqueza,
Isto da Televisão
Armar em imitação
E nos dar a ilusão
De modelo de riqueza,

Trazendo ao tele-jornal,
O mesmo que o espanhol...
Até parece o «El Sol»,
A apresentar um «rissol»,
Num bom prato original.

Depois de toda esta treta
Mandam um mensurador,
Todo cheio de labor
Dizer-nos coisas, de cor,
Mal ditas, embora à letra.

Pergunto eu, de certeza,
Se um homem que disto saiba,
Não se «chateia» de raiva,
Por encontrar tanta «laiva»
Nesta TV. portuguesa.

DAVUS

Rio Cávado porque choras

(Continuado da 1.ª página)

Nesta Subdivisão o caso mais debatido foi a margem direita do Rio Cávado, Carneiro.

Este lamentável caso principiou em 1968 e alastrou-se até cerca dos fins de 1970. Andou pelas boas mãos do Tribunal que existe para dar a César o que é de César e fazer jus ao direito de cada um todo esse tempo e é justo dizer-se que a sentença final correspondeu, inteiramente, a tão clara verdade que nunca deixou de existir.

Costuma-se a dizer, e muito bem, que dum grande pedaço do compadre uma enorme prenda ao afilhado. E foi o que sucedeu aqui!

Uma massa anónima, constituída por elementos indirectos, meteu-se no assunto porque as despesas eram não... sei como. E toca a demolir a pertença alheia!

Uma avaliação inconsciente, uma teimosia em excesso, um comodismo repugnante foram a figura saliente e aguerida durante esses anos.

Isto, apenas é um exemplo incompleto...

Caro Leitor, se vemos um desprovido a mendigar damos-lhe uma esmola ou tentamos aquirir a que ele possui? Se uma árvore do nosso próximo tem seis frutos e a nossa umas centenas necessitamos da pertença alheia, que foi conseguida à custa dum esforço incomparável, trabalhando nessas terras além, por vezes até passando fome

sacrificando-se, derramando lágrimas desesperosas por se encontrar ausente dos seus queridos familiares, vivendo em precárias comodidades para angariar meios que lhe desse possibilidade, mais tarde, dum vida estável para si e para os seus???

Se tudo isto fosse evadido, e muito pensado, teria o infeliz gasto cerca de 32.000\$00 (trinta e dois mil escudos)?... Que até se viu na emergência de o pedir emprestado?

Se existisse uma hora de arrependimento não seria um acto de caridade e obrigação presentiar esta tão desconsoladora pessoa, esposa e filhos?

Para isso não haverá uma massa anónima a fazer um relatório manuscrito fazendo uma subscrição e o que caísse na rede oblatar ao sr. Adelino António da Silva?

Era caso para elogiar e até esquecer o consternamento de tantas horas, dias e anos de sofrimento!

Lido isto apreciado leitor, é quase como estar um canário na sua gaiola e vir uma pessoa que o pertinacie. Ou então estarmos em nossa casa e vir alguém pegar conosco e, se conseguirmos, até aplicar uma enchada ou coisa parecida.

Muitas vezes ainda paga o justo pelo pecador... haverá quem discorde?

Só peço uma coisa:
«Et in terra pax omnibus»

Visado pela C. de Censura

Goães em Foco

tas 4 classes (ciclo elementar o edifício escolar dispõe somente duma sala e esta em precárias condições. Os rapazes aí recebem o ensino de manhã e as raparigas de tarde ou vice-versa, ou, algumas vezes, todos em conjunto. São 2 professores, tendo cada um, mais de 50 alunos.

Como pode uma só pessoa ensinar tantas crianças de modo a obter boa percentagem de êxito?

Como pode uma só escola e em condições precárias servir convenientemente tantas crianças, sendo que no futuro terá de servir também para o ciclo complementar?

Não terá a junta paroquial, a quem compete zelar os interesses da freguesia, posto este urgente problema a quem de direito?

Ou será o caso que o problema foi tratado com interesse mas se lhe exige adquirir o terreno e paga-lo?

Porque então aqui a freguesia se deve responsabilizar pela aquisição do terreno, quando noutras partes se têm edificado esbeltos edifícios escolares, sem a freguesia ter concorrido para isso?

Porquê se não equacionam os problemas e se conjugam esforços da Câmara e junta paroquial para dotar esta freguesia de tão urgente imóvel?

Tantos locais têm belas Escolas, com luz, água, recreios, e cantinas anexas...!

Gostaria de ver as autoridades competentes lançar um olhar de carinho para esta terra, satisfazendo-lhe tão necessário anseio!

G V



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1930

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão—Telef. 22526—BRAGA

Assuntos no Brasil

Aos Srs. Portugueses Brasileiros ou seus Herdeiros

De passagem por Portugal, **COMPRO** no Rio de Janeiro e S. Paulo, prédios, apartamentos, terrenos e direitos de heranças totais ou indivisas.

Trato de Inventários e de todas as legalizações

INFORMA: *Francisco Gomes Cerqueira*

Lugar de Passos — AMARES

Telefone dos Serviços dos Bombeiros V. Amares 62162

Visado pela C. de Censura

RICO E POBRE

(Continuado do número anterior)

esvaziado completamente a garrafa, meteu tudo na cesta, e esperou as últimas ordens de seu tio.

De repente, D. Aquilino parou de passear e tirando do bolso o seu modesto relógio de prata, ajuntou:

—Meia hora. Podes ir a casa deixar a cesta a ir procurar o advogado.

—Não quer mais nada?

—Não—respondeu o pobre velho.

—Então até logo, meu tio— disse Luís saindo do quarto da prisão.

D. Aquilino, logo que ficou só tornou a passear ao longo dos seus aposentos, em seguida dirigiu-se para o corredor, porém instantes depois notou uma grande fraqueza nas pernas: estava muito fatigado.

Tornou a entrar no quarto, onde se sentou em uma cadeira.

—Ah!—disse ele falando consigo mesmo— O ar que aqui se respira é insuportável. Se permanecer muito tempo nesta casa morro com certeza. As cadeias não são para os velhos!

E passando a mão pelos olhos, ajuntou:

—Tenho sono. O tempo é menos longo quando se passa dormindo. Além disso quem dorme esquece.

D. Aquilino deitou-se na cama, e momentos depois dormia profundamente.

CAPÍTULO XXX

A MORTE

Quando D. Aquilino acordou era já de noite. Luís estava sentado junto à mesa lendo à luz da vela.

D. Aquilino esfregou os olhos, admirado de ter dormido tanto.

—Qu horas são?—perguntou.

Luís deixou o livro, estremecendo ao ouvir a voz de seu tio e respondeu:

—Vão dar nove.

—Como! Pois assim dormi tanto?
—O velho usurário quis levantar-se e não pôde.
—Oh! que sono tão pesado!—exclamou, deixando cair a cabeça sobre o travesseiro.

Luís tinha medo de olhar para seu tio, porque este estava extremamente pálido.

—Falaste com o advogado?—perguntou o velho.

—Sim senhor.

—E porque não veio contigo?

—Tinha que fazer esta tarde, e não pode vir; porém disse-me que se encarregaria com muito gosto da sua defesa, e espera que sairá livre sem pagar as custas.

—Deus o ouça—exclamou o avarento suspirando.

—Tem aqui o jantar, meu tio—disse Luís.

—Não tenho vontade de comer; só desejo dormir. Vai; deixa-me. Põe a cesta sobre a mesa; jantarei mais tarde.

—Porém estará doente?

—Não; só tenho muito sono.

Luís queria partir e ficar ao mesmo tempo. Desejava fugir daquele sítio, onde o anjo da morte começava a estender as suas invisíveis asas, e uma força superior à sua vontade retinha-o ali.

No entanto, D. Aquilino virou-se para o outro lado e tornou a adormecer; Luís escutava com os cabelos eriçados de terror a pesada e forte respiração de seu tio.

Aquele miserável ladrão e assassino sofreu angústias de morte. De pé junto à mesa, com o olhar fixo no leito de seu tio, não se atrevia nem a avançar nem a retroceder. Por fim decidiu-se a pegar na vela e a aproximar-se da cama; e ali contemplando seu tio murmurou:

—Ah! Será esta a última noite da sua existência?

—Parece que tenho uma fogueira no coração! Que horrível tormento! Oh! Esta consciencial!

E ficou imóvel, com o olhar fixo no cadavérico rosto de seu tio.

Se naquele instante a mão de um juiz caísse sobre os ombros de Luís, este, aterrado, com certeza confessaria o seu crime, tal era o estado do seu espírito.

Porém estava só e ninguém podia surpreender no seu rosto o estado da sua alma.

Por fim fez um esforço, e deixando a luz sobre a mesa abandonou a cadeira. Já era tempo, pois davam dez horas, e a estas horas fecha-se o Saladero e começa a ronda.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Um organismo altamente prestimoso é a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo. Facilidades de empréstimos a juros módicos estão às ordens de quem tem necessidades e garantias relativas. Assistimos, na qualidade de sócio, há poucos dias na sua sede no largo Dr. Oliveira Salazar a uma reunião convocada pela direcção. A fidelidade das contas da gerência postas às ordens da numerosa assistência convocada para as eleições da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, mereceram de todos os aplausos merecidos que envolveram o relator e presidente da direcção sr. Paulo Macedo pelo exemplo da sua administração. Todos os sócios pagam ou amortizam os débitos sem nunca ter havido necessidade de recorrer ao contencioso judicial. Atinge cerca de nove mil contos os empréstimos efectuados o que vem provar o prestígio do organismo e dos seus fundadores que abriram uma clareira às dificuldades monetárias opostas pelo capitalismo desconfiado e exigente.

Em obediência às disposições legais sempre observadas pela direcção procedeu-se à eleição dos membros da assembleia geral e do conselho fiscal ficando eleitos na primeira o sr. Narciso José Gonçalves, Mário Ramos de Azevedo e José António Dias, respectivamente, presidente e vogais e na segunda os srs. António José da Costa, Jaime de Abreu Dias e Mário Ferreira.

Foram todos muito felicitados e bem o mereceram porque são figuras sociais bem conhecidas e bem creditadas para honrarem com as suas presenças o corpo activo da Caixa Agrícola.

Pelo sócio sr. Elísio Gonçalves foi pedido que ficasse exarado na acta um voto de louvor às autoridades que superintendem nestes serviços em cujo voto desejava envolver a direcção e o funcionário José Barbosa de Macedo, pelo carinho que dispensa a todos os sócios que recorrem a essa grande instituição de crédito. O gesto mereceu de todos os presentes grandes aplausos que visados agradeceram. Seguiram para Lisboa para tratar de assuntos de interesse para o concelho os srs. drs. Paulo Macedo e Artur Macedo. Oxalá que sejam bem sucedidos, que sejam acarinhados para os encorajar a sofrer as consequências já balôfas na nossa legislação que atrasa e tolhe o progresso das terras que, afinal, são todas do Estado, para que delas não seja

exigido coisas dispensáveis como são quatro plantas para três abrigos móveis que a Câmara deseja montar em Amares.

Fiquei a saber pela Tribuna Livre que no dia 14 faz anos o senhor Padre Albino José Fernandes Alves, pároco de Ferreiros.

Não constitui novidade para os leitores os justos elogios tecidos na «Exaltação e Homenagem» pelo sr. Gonçalves. Temos pena não podermos ultrapassar os limites elogiosos do autor para transmitirmos também ao aniversariante o quanto o estimamos e admiramos. Deus Super Omnia.

Elísio Gonçalves



Tribunal Judicial da Comarca

VILA VERDE

ANÚNCIO

2.ª publicação em 13-2-71

Pela Segunda Secção de Processos, correm seus termos uns autos de Expropriação por utilidade Particular que os expropriantes Manuel de Oliveira Almeida e mulher Deolinda Gaio da Silva de Oliveira Almeida, proprietários, do lugar de Febros, freguesia da Lage, desta comarca, movem contra LUIZ ALCINO SOARES FERRAZ DA MOTA e JOSÉ MANUEL FERREIRA, solteiros, proprietários e outros, ausentes em parte incerta, mas com o último domicílio conhecido no lugar do Paço, freguesia de Lago, da comarca de Amares, sendo por este meio citados estes expropriados, para no prazo de **Dez Dias**, finda a dilação de trinta dias, que começa a contar-se depois da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem, querendo o pedido formulado naqueles autos que consiste na expropriação e consequente constituição de servidão legal de passagem para animais, carros de bois e camionetas ou tractores através do seu prédio denominado «BOUÇA DO SOUTO RIO», sita na freguesia da Lage, numa extensão de 23 metros, com a largura de dois e meio e com piso em terra dura podendo, os autores, sempre que assim e tal lhes convenha, pavimentar com calçada o respectivo piso, sob pena de se proceder à nomeação de peritos

Vila Verde, 1 de Fevereiro de 1971

O Juiz de Direito:—

a) Fernando Adelino Fabião

—O escrivão:—

a) Francisco Peixoto

Aniversários

Fazem anos:

No dia 15, a menina Maria Caetano Azevedo Sá Coutinho Russel e a sra. Sameiro Dias da Silva.

No dia 17, o sr. Manuel Alvim da Silva Pereira.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

Januário de Barros

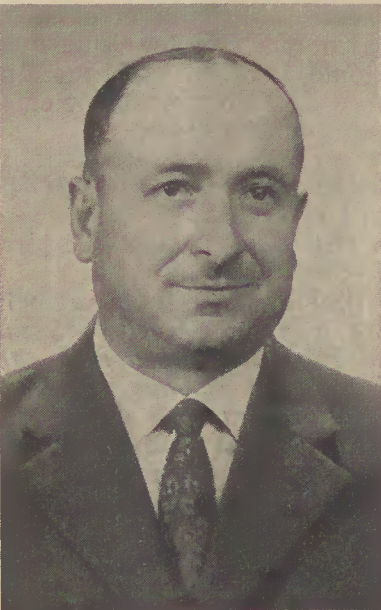
No próximo dia 15, festeja mais um aniversário o sr. Januário da Silva Barros, proprietário da Farmácia Pinheiro Manso e nosso dedicado assinante.



Tribuna Livre cumprimenta efusivamente o seu ilustre assinante e deseja-lhe que passe um dia muito feliz junto de sua esposa e filhinhos.

* * *

Passa o seu aniversário no dia 16, o sr. José Porfírio de Barros actualmente a residir



com sua família em França. Tribuna Livre cumprimenta-o e deseja-lhe muitas felicidades.

De Caires

Luís de Sousa

No dia 17 do corrente contará mais um ano na sua existência o sr. Luís de Sousa, figura social, familiar e política dessa formosa terra, aonde se tem destacado pelos naturais dotes de bondade, inteligência e devoção pelo trabalho honesto de comerciante actualizado. Foi escolhido para presidente da Junta de Freguesia e pela Câmara Municipal indicado para vogal do Conselho Municipal. Não seriam precisos esses créditos oficiais para se impor como cidadão exemplar mas foram esses exemplos que o levaram a ser chamado para representar a sua freguesia em actos relevantes para a terra que escolheu como sua e aonde se fixou com os olhos postos no progresso que merece pela sua situação geográfica.

A Tribuna Livre que se lê e assina presta-lhe a sua homenagem e envia-lhe cordiais saudações augurando-lhe longa vida e pede a Deus o seu amparo para essas extraordinárias faculdades.

C.

* * *

No passado dia 10 festejou o seu aniversário o sr. António Augusto Pinheiro nosso



estimado assinante a residir em França.

Tribuna Livre deseja-lhe muitas felicidades.

* * *

No próximo dia 24 passa o aniversário natalício da sra. D. Teresa de Jesus Ferreira da Costa, a residir com seu marido e filhos na América do Norte.

Os familiares cá residentes e Tribuna Livre desejam-lhe muitas felicidades.

Sê tu generoso... defende os interesses da tua terra.

5.ª COLUNA

(Continuação da 1.ª página)

modo a sua peregrinação: o «bom» é bonito; o «mau» não é para se ver!

Não pretendo minimizar a obra grandiosa das casas construídas, na belíssima intenção de liquidar as «ilhas». Quero apenas uizer que essas «ilhas» que foram demolidas justissimamente, continuam mostrando as mazelas das demolições, escancaradas à admiração governamental.

E a avaliar pelos correspondentes de jornais que se exprimem no mesmo diapasão, só Braga tem quem olhe por ela, na figura extraordinária dum Santos da Cunha. Ainda agora na minha frente o correspondente dum diário, de Viseu se queixa desta curiosidade. Em plena cidade, procedeu-se à canalização por várias artérias, mesmo sob a intempérie destes últimos dias de Janeiro findo, o que o público sacrificadamente tolerou, pois se tratava de obra para seu bem. O pior é que a canalização foi instalada, mas as ruas continuam no lamaçal que era de prever. E o correspondente, desolado, aproveita para lembrar outros locais do perímetro da cidade, que também necessitam de urgentes obras, comentando que se está a construir um miradouro da Via Sacra, só para rico ver... e muito menos urgente do que o necessário.

É isto que os governantes não atentam. Ao menos, Leitor, o do distrito de Braga, impõe o seu proverbial dinamismo.

EME ABRIL

O Roubo do Arcanjo

(Continuação da 1.ª página)

sempre bem, a par de um retrato de um antepassado imaginário, de umas esporas ou de uns estribos muito «marialvas», a vara prateada de um pálio, o brocado de uma telmática ou o resplendor loirado de um ostensório onde, em dias remotos, Deus esteve exposto à adoração dos crentes.

Ora os ladrões de imagens e de alfaias litúrgicas não são assim tão numerosos como isso. Não é por via deles que os antiquários se abastecem, mas sim por não lhes faltar quem lhes venda, legitimamente, coisas que, pelo carácter ou pelo uso sagrado que tiveram, jamais deveriam ser mercadejadas em negócios de ferro-velho. O Juiz da Boa Hora teve, portanto, sobejos motivos para ser benévolo em relação ao pobre-diabo do bate-chapas que levou o Arcanjo S. Miguel da igreja da Pena e o foi vender pela bagatela de oitocentos escudos.

Um comentário às coisas de Bouro

Dizia Napoleão que devemos lavar a roupa suja em família. Muitas pessoas esquecem-se dessa verdade salutar e, mais ainda, de que um jornal corre mundo e por isso é o lugar menos indicado para discutir conflitos de lana caprina ou expôr devaneios literários que melhor seria dormissem perpétua-mente o sono das inconveniências familiares.

E porque se esquecem disso vai de fazer publicar notícias com ferroadas que de repetidas perdem o efeito, enjoam o leitor, para depois gerarem a sua própria condenação. Por muita liberalidade que se use, acontece quase sempre que são os serviços internos do jornal que lhe põem fim. Assim aconteceu em determinado noticiário de Bouro por se entender que ele depois de deslustrar a genese só servia para prejudicar a terra.

Pena foi que num momento de descuido ou ausência de quem, nesta redacção, tinha de manter esse *stato quo*, e por meio de uma subtilidade menos honorável, se tivesse conseguido a publicação da notícia — página de 23-1-971. Então entendeu-se não ser de justiça impedir a publicação da carta-página do último número, embora se lhe reconhecesse muita superficialidade nos argumentos, demasiada ironia, e, como os antagonistas, aspereza para com este periódico.

Infelizmente sempre temos visto como é fácil criticar o nível das coisas e alterar a alça de mira para disparar na direcção desejada, mas continuamos à espera qual Deogenes de candeia na mão, de quem prefira dar o seu esforço para que subam esses níveis e se realizem os autênticos interesses superiores.

Bouro foi, nos últimos 40 anos, a terra do Concelho que mais tempo teve na gestão cimeira do Concelho quem tinha a obrigação de a contemplar com especial carinho. Aconteceu, porém, que viveu sempre no maior abandono, nunca tendo recebido qualquer achega para o seu progresso. Isso o sentiu a sua actual geração dos 40 que insubmissamente se tevantou muitas vezes a pugnar pela sua dama.

Nós sentimos sempre, por essa terra, particular carinho, porque viveramos nas mesmas circunstâncias e experimentamos as mesmas amarguras.

Na nossa mente, como página bela do desejo de emancipação dessa juventude radiosa de Bouro está escrita a imagem do acto eleitoral da Confraria da Abadia, realizado ali por meados do decénio de 60-70. Aquilo foi uma manifestação de vitalidade em que Bouro dava a lição ao Concelho de ser a primeira terra a desalojar os doentios caciquismos das catedras a que subiram para implantar a inércia e o marasmo.

Quando, há cerca de 10 anos, subiu à presidência da Câmara o dr. Eduardo Gonçalves, tendo como colaboadores os srs. Padre Albino Alves, dr. João Batista e Paulo Macedo, as gentes de Bouro puderam dizer uma palavra e viram como em tão pouco tempo foram dotados com a electrificação que para lá chegar custou 2 000 contos, além de outras obras de menor vulto. Não fôra a mudança de comando operada em tão pouco tempo e Bouro sabia ter chegado a sua hora.

Agora que a Câmara é dirigida por homens de muito querer, cuja orientação e carinho por Bouro se pode presumir idêntica à de há 10 anos, seria de prever que as gentes daquela terra acorressem a ajudar, ou, pelo menos, a pedir que os olhos do poder se voltassem para os seus anseios e aspirações.

Digamos com desalento e

tristeza que de Bouro, em vez desse sôpro estuante de bairrismo que por todos era esperado e desejado vieram antes os renoques de divergências internas e de agravos. A autoridade e a imprensa passaram a perder o seu tempo com queixas e acusações e todos os esforços para fazer com que os olhos contestantes se erguessem antes, um unísono, para o altar da terra, foram baldados.

E vai de, na falta de mais concretos argumentos entre si, passaram a beliscar quem, como único erro, só teve o de lhes dar guarida, trata-los com amizade e aconselhar pelo melhor caminho.

Tendo usado e abusado da publicidade uma das partes, eis que agora, o sr. Fraga, tomou a defesa da outra. *Alea jacta este*, terá, talvez, guitado no seu íntimo, ao tomar a pena para este novo grito do Epiranga.

Como epistológrafo de recursos, qual Verney em dia sim, encheu meio jornal de farpas, mais mordazes que as de Ramalho Eça.

E na febre do seu conceptismo até comparou uma frase sem sentido nem nexos, com esse maravilhoso jogo de palavras, de imagens e construções que é o Gongorismo, como se a extravagância literária que criticava fôsse efectivamente de cultismo e não de curtiismo.

Que contos dará ao Padre António Vieira, a D. Francisco de Melo, ou, até, a Camões, que o usavam, mas purinho como se quer o azeite, e, de origem e velhinho, como deve ser o vinho do Porto.

Deixemos as discrepâncias que nada resolvem e ao darmos fim, nesta casa, ao diálogo bourense, lembremos o nada das coisas humanas de que fala Juvenal e aconselhe-

mos o tudo das coisas da sua terra que sobreviverá aos homens e os ultrapassa em interesse.

Nada perderemos em lembrar, também, a divisa daquela humanitária e gloriosa associação que resa — *entre as armas a paz*.

Se até aqui houve mal, faremos como aconselhou Cícero, *tomemos do mal o que ele tem de bom*, e, futuramente, demos um sentido diferente às coisas.

Para instar pelos interesses da terra, para a fazer progredir, para a defender nos areópagos ou na praça pública, podem todos contar com as páginas deste semanário e com o coração de quem os acompanha desde sempre.

No resto, não. Nesse lugar ficará o silêncio a que me associo, porque também vou silenciar-me, dado que os acontecimentos confundiram as hierarquias e feriram o conveniente equilíbrio que defendemos.

Ex corde

João Macedo

O CASO DE BOURO

O Editor também tem a palavra

Creia, caro leitor, que não contávamos nada vir aqui tratar um assunto que, não valendo mesmo nada, nos vai ocupar uns momentos a dar uma explicação sobre «O caso de Bouro» e a fazer sentir o nosso desgosto pelo desforço puro e simples que o senhor Albano Fraga achou por bem tirar nas próprias colunas deste jornal.

A explicação:

Já há tempos que este jornal havia posto ponto sobre o caso de Bouro, pelo que tem no seu arquivo várias notícias de colaboradores sem publicação.

Se tal se verificou, foi não só por o assunto estar a pedir silêncio e reflexão, mas também por atenção aqueles que agora nos agrediram.

A coisa assim teria continuado se não acontecesse um imprevisto, que se resume no seguinte:

Desde há cerca de um ano que o nosso colaborador senhor José António da Silva vem prestando ao jornal grande colaboração, não só em noticiário e artigos, mas também e principalmente pelas dezenas de assinantes que conseguiu para o jornal, com o objectivo de este voltar novamente a ter 6 páginas, etc. etc. Enfim, um verdadeiro carola, e só é pena que não existam mais assim.

Ele di-lo até, e para nós não era necessário, na tal entrevista que tanto irritou o Senhor Fraga.

Não escreve correctamente, fá-lo com erros e em mau português? seja; mas o que é certo é que quem conhece o Senhor José António da Silva, sabe que é um bem intencionado, um bom, e além do mais, um elemento daqueles que se sacrificam por uma causa.

Com tal crédito dentro do jornal, os seus artigos e notícias iam para a composição sem censura prévia. Foi o que aconteceu com a citada entrevista.

Quando passamos uma vista pelas provas já o jornal estava feito.

Ao lermos a entrevista fizemos um círculo vermelho com uma interrogação sobre o seguinte trecho: *Recentemente uma pessoa ligada à Telescola recebeu uma carta anónima onde dizia que deixasse de auxiliar a Telescola porque o corpo docente está mal preparado* e sublinhamos isto porque o resto não continha nada que não fosse a narrativa da sua visita a Bouro, contada à sua maneira para arranjar uma entrevista para o jornal.

A coisa era porem tão vaga, sem citação de nomes e para nós sem importância, que não valia a pena que, pela primeira vez, se cortasse um artigo daquele colaborador, e que além do mais iria provocar um grande atraso na saída do jornal.

O nosso desgosto

Não merecíamos e muito menos do Senhor Fraga a

carta que também encheu uma página, em resposta à entrevista e que nós, veja-se a diferença democraticamente publicamos, apesar de ela ter simplesmente como objectivo, ridicularizar o jornal e o seu colaborador.

Na verdade o Senhor Fraga, insidiosamente não tratou de assunto nenhum, não se refere a qualquer problema que porventura podesse ter sido tratado em tal entrevista, mesmo por dedução.

Nada. Não respondeu a nada e por isso não tinha qualquer direito a resposta.

Embora em bom português, mostrou sobejamente que não sabe dominar os intentos, não soube usar de caridade que tanto dignifica os homens e os torna superiores — e aqui ela era bem necessária — e diminuiu-se, o que foi pena.

É realmente motivo para desgosto o que acaba de fazer. Se qualquer palavra o beliscou ou beliscou Bouro, das duas uma. Ou se referia a ela, ou calava-se. Agora ridicularizar, e descer ao insulto, porque chega a chamar mentiroso, sem uma razão peremptoria e por si demonstrada, não.

Isso não. É deselegante e sobretudo triste.

Temos independência e vida vivida, quer à frente do jornal quer lutando pelo progresso concelhio, quer à frente de várias instituições, que nos imunizam quanto às críticas, conselhos e reparos que também só para menosprezar veio trazer para a contenda.

Outro reparo apenas. Este jornal tem realmente falta de bons colaboradores, apesar dos nossos pedidos constantes, e só é pena que o sr. Fraga não tenha colaborado conosco nesta verdadeira cruzada.

Poderia ter deliciado os nossos leitores não só com a evocação de Camões, como o fez, mas também de Vergílio.

«A FUNERARIA»

— DE —

Augusto do Sacramento Costa

Rua de Além - Telef. - 62227

FEIRA NOVA - AMARES